

# Apresentação

“Os direitos humanos não são um dado, mas um construído. Uma invenção humana em constante processo de construção e reconstrução” (HANNA ARENDT). Os direitos humanos e fundamentais, hoje previstos de forma expressa ou implícita nos sistemas jurídicos internacionais e brasileiro, são fruto das lutas sociais, políticas e culturais, dos diferentes grupos sociais.

Nesse processo de construção e reconstrução, a trajetória de ativismos sociais e luta por direitos fundamentais das mulheres é heterogênea e atemporal. Em diferentes lugares e momentos históricos, elas reivindicaram e efetivaram ações coletivas e/ou individuais, em prol da igualdade, liberdade e dignidade.

Diversos foram os movimentos políticos, culturais e sociais, liderados e/ou protagonizados por mulheres, tais como, feminismos, mulherismos e outras lutas, efetivadas por curandeiras, operárias, escritoras, poetisas, parteiras, religiosas, estudantes, donas de casa, e tantas outras mulheres de diferentes lugares sociais, que não cabem nesse pequeno texto de apresentação.

É com o objetivo de homenagear e ampliar as trajetórias, ativismos e teorias que perpassam as lutas das mulheres, que foi pensada a presente obra: Mulheres, resistências e direitos fundamentais.

Em seus capítulos, o livro aborda pesquisas e estudos acerca das epistemologias feministas negras como instrumento de decolonização de saberes, literatura pós-colonial feminina, poesia africana feminina, velhice feminina, e ainda, o enfrentamento a violência de gênero em face das mulheres. São diferentes estudos e pesquisas, como heterogênea é a luta das mulheres por direitos e garantias fundamentais.

As pesquisas aqui apresentadas, são uma pequena amostra, dentro do universo de demandas e trajetórias de lutas e conquistas de direitos, efetivadas pelas mulheres. Como ressoa Jurema Werneck, “Nossos passos vêm de longe” e vão pra longe. A luta por dignidade e cidadania social é contínua.

A luta das mulheres, não é individual, mas coletiva, de todas as mulheres e de toda a sociedade, ainda, que as opressões que nos atravessam sejam diferentes. Como bem preceitua Audre Lorde, “Não sou livre, enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela, sejam diferentes das minhas”.

Que essa leitura possa ampliar os horizontes, acerca das diferentes trajetórias que permeiam as realidades femininas, incentivando a luta coletiva, em prol de uma sociedade, antissexista, antirracista, mais justa e digna para todas as mulheres.

Ceila Sales de Almeida\*

---

\* Doutora em Estado e Sociedade - UFSB. Mestra em Direitos e Garantias Fundamentais - FDV. Especialista em Direitos Humanos Internacionais. Advogada OAB-Ba.  
E-mail: ceilasales@hotmail.com